Palavras-Chave
(Contos)

© Copyrigth by

Douglas Costa Dossantos – **DOSSANT**
Todos direitos Reservados

Ficha Catalográfica

Dossant, Douglas Costa Dossantos. 2024 – Palavras-Chave (Versão de AZ) (Contos 2009 - 2024)
Dossant – São Gonçalo (Rio de Janeiro): Edição do Autor, 2024.

1. Ficção Científica 2. Literatura Brasileira
I. Título – Palavras-Chave (Contos) 425 p.

Índice para catálogo Sistemático:

1. Ficção Científica
2. Literatura Brasileira.
3. Contos.

Capa do **Autor**
Ilustrações: **Autor**
Diagramação e Revisão: **Autor**
Editoração e Impressão: **Clube de Autores**



Dossant

Dedico este livro a:

Todos aqueles que acreditam e acreditaram em mim. Minha mãe, amigos e familiares. Pessoas as quais não preciso citar, pois terão minha dedicatória aqui e nunca vou esquecer seus nomes.

In Memorian:
Rosane de Souza Veloso
Nilceia de Souza Costa
Walter da Costa



Autor:
Professor de Edução Física;
Pós-Graduado em Medicina Desportiva &
Ciências da Atividade Física;
Perito Judicial;
Bacharel em Direito.

PREFÁCIO

Aos interessados em contos esta obra tem a perspectiva de mostrar novas veredas que a literatura brasileira tenta imortalizar. Tentativa, pois não saberia como leituras sobre contos, romances e poesias vão interferir em nossa sociedade neste presente para um propósito de escrita o qual se observará num futuro.

Não acredito que nunca houvera tanta vontade de escrever como nos tempos de hoje. Escritos pueris, truncados, enfadonhos, fenomenais, ricos e outros maiores aspectos vão criando margens, ruas, perspectivas a seguirmos. Os assuntos falados no mundo fazem as pessoas terem acessos aos conhecimentos e compartilhado uns com os outros. Por mais que algumas abordagens sejam grosseiras e poetas, escritores, estudiosos e outros afins criticados demasiadamente; é humano, demasiadamente humano que isso aconteça.

Ao continuar minha jornada percebo com grande esmero minha vontade de escrever, que quanto mais leio, mais se perde e depois volto com mais anseio de escrita. Os grandes autores me intimidam a escrever por suas vastas obras e temerárias mensagens. Quanto mais leio mais percebo minha ignorância. Com a força do pensamento não deixo de concluir meu objetivo. De repente volvo o meu olhar para o pouco que fiz e já acho bastante. Logo vejo o fim do meu escrever.

A proposta de escrever é sempre nobre, porém para as histórias ficarem e a mensagem proporcionar valor nas técnicas literárias e o domínio da linguagem se mostrar além da vontade de um simples romântico; estudar muito é necessário. Palavras-Chave (Contos) é uma tentativa de estórias diversas passarem mensagens pertinentes para o interior de cada um.

SUMÁRIO

*Cartas do Império*_____*7*
*Caverna do Drow*_____*83*
*Círculo Disforme*_____*87*
*Draion Drow*_____*93*
*Futuro da Humanidade*_____*111*
*Mestre Azumo*_____*155*
*O Predestinado*_____*191*
*O Sudeste*_____*197*
*Os irmãos Mairab*_____*223*

- *Prólogo dos Irmãos Mairab*_____*227*
- *A Ilíada de Atena*_____*232*
- *A Ilíada de Hera*_____*277*
- *Epílogo dos Irmãos Mairab*_____*317*

*Peça de Teatro*_____*319*
*Renome*_____*327*

Apêndice

*Morte*_____*401*
*Velado*_____*403*
*Morto*_____*405*
*Cadáver*_____*407*
*Póstumo*_____*409*
*Morrer*_____*412*
*Museu das Fadas I*_____*415*
*Museu das Fadas II*_____*417*

Posfácio

*Uma proposta de Considerações finais*_____*420*
*Romances, novelas e crônicas*_____*422*
*Uma visão Filosófica*_____*424*

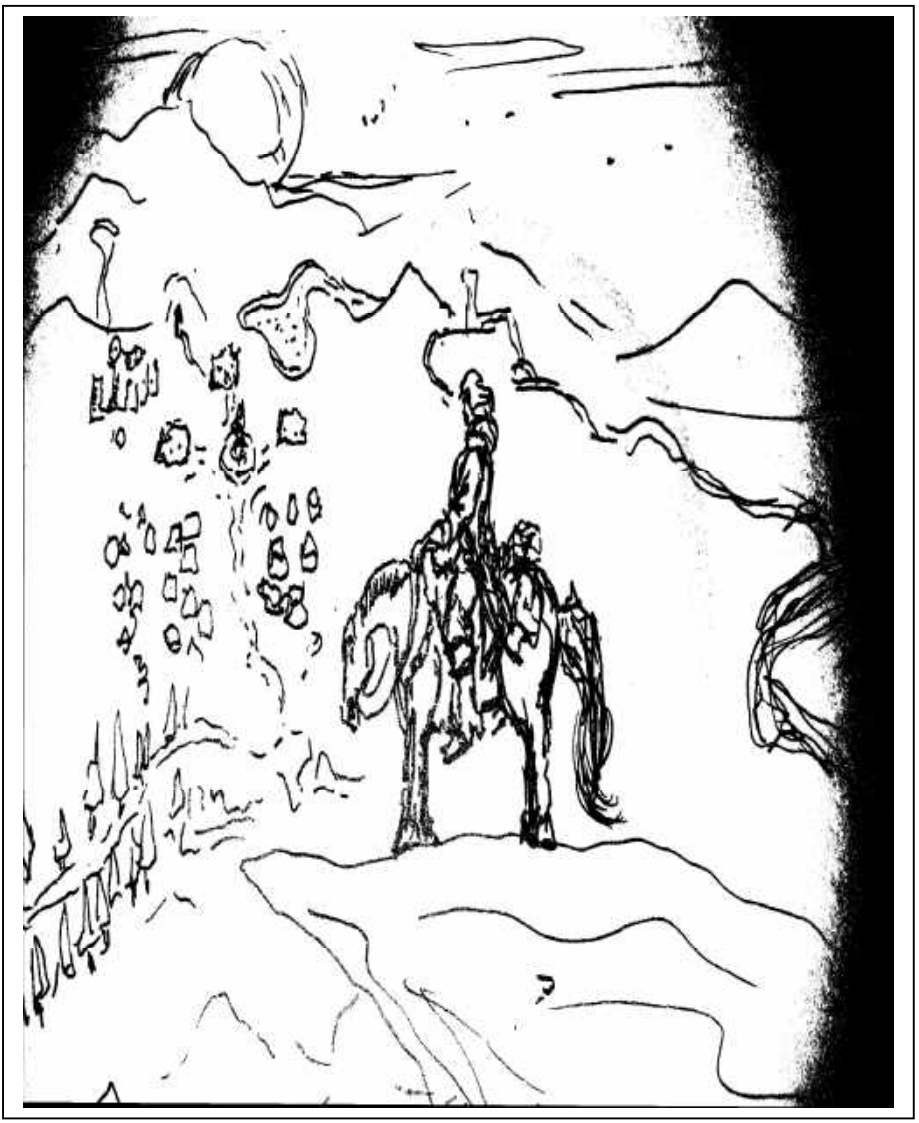


Era setembro de 1838, final do Período Regencial e começo do Segundo Reinado praticamente, seguira a cavalo um homem pela vastidão dos campos verdes das Minas Gerais em direção a província de Ouro Vermelho, um povoado pacato com cerca de mil habitantes, entre escravos, nobres e senhores de engenho, sua mineração de diamantes e ouro ficara improdutiva para o império e com isso tornara-se uma província malfazeja, ficando a Casa-Grande como primeiro comando do Duque Marshan de Holanda soberano da Casa-Real, permanecendo como antes apenas a Mina e a Casa-de-Engenho com trabalhadores livres sendo pagos pela coroa. A Senzala virou Brigada para os Dragões do Império e uma Igreja em construção inacabável por sua magnitude transformara assim esse ponto no mapa como um lugar estratégico para busca de homens que quisessem ser soldados, garimpeiros, mineradores e fazendeiros.

Além das três principais casas havia: uma venda, onde o povo se alimentava e bebia, boas cachaças feitas ali e demais comidas obtidas pela caça e plantio do próprio ex-dono do engenho Pietro Maia, uma taverna onde as pessoas se reuniam à noite para festas, meretrício e demais, cerca de vinte casas de pequeno porte, cinco casas de médio porte e duas casas de grande porte. Uma das casas de pequeno porte havia um ferreiro que fazia espadas para os soldados da coroa, uma das casas de médio porte era encarregada pelas armas de pederneira e da pólvora importada de Portugal, e as duas casas de grande porte pertenciam aos dois homens mais

influentes da cidade Pietro Maia, deposto governante da comarca, e Marco Sören Bragança um nobre fidalgo foragido da Europa.

Os antigos escravos, agora trabalhadores livres, moravam na maioria das casas de pequeno porte e tinham famílias grandes e na minoria eram negros, estranhamente, mas as miscigenações das famílias eram comuns, parece que os primeiros escravos aqui foram de homens brancos de descendência Grega. Um povoado com uma história incomum, porém com um enorme legado da humanidade. Assim acabando de ler seus escritos num brando galope sobre as montanhas e vales, Davi Dsaint após desbravar caminhos sinuosos chega ao cume de uma larga e imponente encosta onde consegue observar o vale que a província de Ouro Vermelho se encontra. Trajando um manto de couro negro com capuz, retira a sombra dos seus olhos qual o capuz e o céu nublado fizera e recoloca as luvas, fechando em seguida seu diário com cartas e escritos soltos em folhas de boa qualidade. Guarda o diário em seu casaco e já começa observar as gotas de orvalho caindo do céu junto do vento frio do mês de setembro. Davi lembra de seus breves momentos na França onde essa hora estaria tomando um delicioso café. Com suas duas espadas embainhas, uma longa outra curta, no cinturão, retira-as e coloca o boldrié sobre o dorso do cavalo, desce e ajeita a espingarda e garrucha de pederneira, seu chicote, adagas e sua mochila de provisões na montaria. O crepúsculo já se anunciava. Tivera dúvidas se continuava viagem ou montava acampamento, já tinham passados três dias que saíra do porto no Rio de Janeiro.



Repentinamente Davi escuta trote de cavalos parecendo em perseguição ardil na vastidão dos campos sobre as trilhas que levavam até a comarca. Do alto Davi observa que soldados galopavam para pegar uma donzela em apuros. Em perigo dos próprios dragões da coroa. Um dos dois soldados pega os cabelos da mulher em corrida e fragilmente cai do asno que montara. Os dois param os cavalos, o asno foge em direção a província. Um dos soldados desce e anda até a mulher enquanto o outro rodeia os flancos da moça ainda no chão. Indefesa, ela olha sem temer o pior. Com um riso na cara o soldado diz – Ajoelhou! Então tenhas que talvez rezar, suplique por sua castidade! Inutilmente a mulher joga areia no rosto do soldado e corre tomando em seguida um chute nas costas pelo amigo do soldado ainda em sua montaria. Limpa o rosto da areia e cospe pro chão, o soldado aborrecido chuta pedras e areias na direção da mulher e confere um soco. Que desmaia a donzela.

O outro soldado desmonta e caminha até próximo do seu amigo e a mulher desmaiada. Falam sussurrando – ela agora éis nossa Pedro! – Hoje Arthur a chuva fará deixar nosso serviço purificado. E exibe uma gargalhada macabra agachada perto da mulher no solo. A chuva aperta e o vento traz o som do trovão. Subitamente os soldados sentem uma presença. Olham adiante e observam um homem saindo da mata. Seu manto emite o som das gotas de chuva caindo no couro, como um presságio para morte deles, a fumaça de calor no ar frio sai do rosto escondido pelo capuz. Os soldados perguntam – Quem éis Tu? Arthur segue de volta para seu cavalo enquanto Pedro continua curvado. Com um

chicote Davi espanta os dois cavalos num chicotear de movimento lacônico, o desespero dos homens é visível.

Os soldados desarmados por sua soberba e covardia contra a mulher ficam imóveis pensando no que fazer. Arthur corre para o embate sem armas. Davi guarda o chicote na cintura e antes de três metros de distância desfere um chute com breve passada diagonal de pernas acertando o tórax do soldado que é jogado ao solo com o impacto e violência do chute. Sem ar e com a cara na lama o soldado cospe sangue e não consegue respirar. Sofre de asfixia pela concussão. O Soldado Pedro levanta vagarosamente sobre a chuva fria que ecoa os pingos grossos formando lama e poças no descampado. Em movimentos curtos e com artimanhas o soldado aproxima-se de Davi. Socos e chutes são trocados, defesas interpostas, e, Davi percebe que o dragão foi bem treinado na capital, mas sem medir esforços desfere uma técnica de deslocamento; pega um dos braços e a cabeça, dando um chute no abdome indo com seu dorso de encontro ao solo e girando, arremessa-o para trás. O soldado cai de mau jeito e desloca o pescoço. Covardemente o amigo Arthur já recuperado do golpe pega uma haste de madeira no chão e tenta acertar Davi, mas é inútil, Davi esquiva e acerta sua adaga na garganta de Arthur com um saque rápido. Aproxima-se Davi do soldado e fica o vendo agonizar até morrer. Pega sua adaga, limpa na roupa do cadáver. Observa a carótida cortada da anatomia do moribundo. Caminha então até o outro soldado. Em pé, observando o homem no chão passa uma idéia por sua cabeça, lembra de algumas de suas leituras sobre Aquiles em sua mitologia (quando fala para Heitor

antes de matá-lo; que vai ficar vagando pelo Hades sem olhos, sem língua e sem ouvidos para todos verem o tolo que pensou derrotar Aquiles) e tira os olhos, a língua e as orelhas do soldado caído.



Davi apanha a donzela caída ao chão desacordada. Amor a primeira vista. É o que vem na cabeça de Davi quando observa a beleza angelical daquela mulher inebriante. Ela tinha os cabelos loiros, feições afiladas, lábios carnudos, com curiosidade pela cor dos olhos Davi abre carinhosamente uma das pálpebras; eram azuis seus olhos. Imagina Davi. Aquela beleza caucasiana, aquele corpo, mesmo com vestimenta podia sentir as curvas e a firmeza de uma mulher jovem e esbelta. Neste momento com a donzela em seus braços Davi sente algo nunca apreciado por ele depois de tantas guerras, tantas missões e tantos meretrícios. Cheira os cabelos lisos e loiros para sentir a fragrância dos jasmins do campo, imagina ser ela da corte. Procura um abrigo daquela tempestade que se formara e do frio. Após percorrer um curto caminho até seu cavalo monta acampamento com sua barraca de viagem num belo lugar próximo a uma cachoeira. Não consegue retirar os olhos dela. Com um pouco de água do seu cantil e um lenço passa em todo o rosto angelical e no corpo, passando as mãos delicadamente, alisa os cabelos. Aquele tempo tem uma duração tão finita no seu pensamento que não pode perder o zelo, mal pode esperar o momento da donzela abrir os olhos. Depois de tantas índias e meretrizes finalmente uma mulher que tocara o seu âmago.

Depois de algum tempo com a noite caindo em gotas finas de chuva e Davi olhando para a donzela dormindo confortavelmente ela ameaça acordar. Davi não tira os olhos dela. Vagarosamente a donzela mexe-se e abre os olhos observando o lugar a meia luz por uma lanterna dentro da barraca e a sombra de um homem na entrada daquela pequena tenda, assusta-se, levanta ainda bem

desorientada, pois dormia tão bem e agradável que pensava tudo ser um pesadelo e que estava em casa dormindo em sua cama. Fica algum tempo olhando para entidade na sua cabeceira, um homem que olhava incessantemente, seus olhos brilhavam. Ambos tinham brilho nos olhos pelo encantamento da meia luz daquela lanterna na tenda com o barulho do vento e pingos finos da chuva. Esses instantes de silêncio foram primorosos para o amor cego que habitava ambos corações maltratados com o tempo.

- Sentistes-vos bem? (pergunta Davi)
- O que ocorrestes até aqui? (donzela desorientada)
- Estais-vos salva. Não te importunarão mais.
- Quem tu éis nobre senhor?
- Davi Dsaint, seu servo. E vosso nome?
- Cândida Silvestre.
- Eu viajo para província de Ouro Vermelho, tu éis de lá?
- Sim, pertenço a Ouro Vermelho. Meu pai enviou-me para pegar lenha e soldados atacaram-me e então... Já não me lembro.
- Não se preocupaste mais, vos estais sã e salva.
- Estes soldados já me atacaram uma vez. Mas consegui fugir. (disfarça e chora)
- Disfarças e Choras! Olhas minha carícia por você. Todo pranto tem hora, aproveita a voz do lamento que já vens à aurora. A pessoa que tanto queria antes mesmo de raiar o dia conheceste no crepúsculo da minha estrada, tu és divina e graciosa. (Davi olha profundamente nos olhos de Cândida)

- Falaste tão bem e tão belo. (retribui o olhar)
- Amor por ti imediato, pelo meu título Duque Estrada neste período regencial enviado do Príncipe Regente, almejo seu amor e vós. Perdão por te amar de repente. (aproxima-se colocando face-a-face)

Um longo beijo realça todas as palavras de amor como retribuição por tudo que acontecera até ali e o mais importante ao nascimento daquele amor. Eles entregaram-se ao calor do momento. A recíproca era verdadeira e o afagar torna a nudez e aproximação dos corpos integrando-se por si só. Davi beija Cândida dos pés a cabeça. O corpo despido mostra para ele toda beleza angelical que Davi nunca teve dúvida e na verdade já havia visto mesmo com roupas por cima. Quando Davi se despiu Cândida surpreende-se e emociona-se pelo corpo másculo, forte e cheio de cicatrizes e a donzela senti temor de ser deflorada pelo membro de alazão que Davi apresenta colocando fora da calça. Mesmo assim, totalmente encharcada e seduzida pela ternura tão avassaladora, rende-se ao sofrimento da paixão e deixa adentrar no seu virgem canal o trem descarrilado.

Amanhece e os pássaros já anunciam a alvorada. O som da água vindo da cachoeira revela pela força o quanto choveu e por mais que tenha amanhecido nublado e a brisa do tempo passava com a pureza das Minas Gerais aquele presente era o que Davi nunca teve em toda sua vida. Com a fogueira pronta Davi pega suas provisões e pesca alguns peixes e prepara um bom café da manhã. E lá está sua donzela, seminua envolta em suas próprias roupas,

mostra um sorriso e seus olhos penetrantes chamam mais uma vez Davi para o deslumbramento. Davi percebe que um de seus olhos era azul e o outro era castanho claro. Ela era tão exótica, tão bela, tão insinuante, tão misteriosa. Nas vezes em que se olhavam seus corações batiam mais forte. Com certeza era como deveria ser um amor.

Aprontam-se e seguem para Ouro Vermelho. Seguindo viagem Davi Dsaint no cavalo com sua dama na frente acolhendo-a em seus braços, montados e num franco amplexo, conta o porquê vem para esta província, conhecido e intitulado Duque Estrada é responsável e incumbido de investigar a falta de demanda do ouro e diamantes dessa região, pois se realmente acabou porque o contratador de diamantes ficara nessas terras, já que aqui não é Vila Rica ou Arraial do Tijuco, sabendo que num período de anos atrás um tal contratador, José Fernandes de Oliveira, alforriou e casou-se com uma escrava, esta conhecida por Chica da Silva, mesmo este o homem mais rico do Brasil Colonial voltou para Europa. Então por esse motivo o Príncipe Regente influenciado pela sua corte achou melhor cuidar dessa parte importante do império. Procurava saber sobre o tal Duque Marshan de Holanda.

Será que um amor verdadeiro poderia começar com uma aleivosia? Foi o que sentiu Davi quando começou a contar sua estória para Cândida. A mulher da sua vida. Enquanto conversavam a caminho da província lembrara o real e secreto motivo que o levara até ali após anos de procura. Sua única função era caçar e extinguir: Marco Sören Bragança. Tudo isso começara na Revolução

dos Mercenários ainda no Primeiro Reinado de Dom Pedro I. Final deste período antes da abdicação de Dom Pedro I em favor de seu filho Dom Pedro II ainda menor.



A independência do Brasil num conflito entre o Império do Brasil, mais mercenários britânicos e franceses contra Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves fora uma grande guerra. Neste conflito luso-brasileiro havia portugueses e brasileiros em ambos os lados. Os líderes da farsa da independência eram: Dom Pedro I, Barão de Laguna, José Joaquim de Lima e Silva, Thomas Cochrane, John Pasoce Grenfell e Pedro Labatut. Os Líderes Portugueses eram: Dom João VI, Inácio Luís Madeira de Mello, João José da Cunha Fidié, Álvaro da Costa e José Maria de Moura. As forças da independência somavam-se vinte e sete mil embarcações contra dezoito mil embarcações do Império Português. Navios de linha, fragatas, escunas dentre outros tipos de caravelas e inúmeras outras embarcações conflitaram por muitos dias.

Estava, Davi Dsaint, numa Belonave perto das perseguições, disparos de canhões, brigas de espadas dentre outros fazendo uma transição pelos mercenários franceses por mercenários ingleses. Na ocasião Cochrane aprisionou várias embarcações da Bandeira Portuguesa depois das lutas encarniçadas que houvera até ali. Entre essas embarcações minha Belonave ajudara na perseguição de aprisionamento das caravelas: “Prontidão” e “Pizarro”. Perseguindo até as demais proximidades de Lisboa. Foi quando conseguira minha maior parte da missão naquele período. Infiltrar no grupo de mercenários ingleses.

Chegando em Londres naquela era napoleônica mostrara-me o quão importante fora o sucesso da minha missão. Afinal de contas nenhum francês poderia estar tão próximo. Formara-se entre

mim e o Rei Guilherme IV um estreito artifício de acoplamento. Embora precário conseguiste com muita dificuldade aperfeiçoar o inglês, meus estudos eram prósperos. Com certeza o inglês Thomas Cochrane revelara-se um perfeito agente da Inglaterra. Pertencente ao contato Francês, Pedro Labatut, já me aguardaria em Paris. Os interesses Ingleses não passavam de comércio e isto agravaria futuramente o mercantilismo. A Inglaterra abrangia seus domínios pelo modo comercial. Suas riquezas ficavam cada vez maiores e como um modo operacional de guerra sabotaria o aglomerado interesse europeu.

Após algum tempo na corte inglesa fora integrado por Grenfell no ofício sigiloso da coroa. Mas então deveria ter contato com o porta-voz do rei. O disfarce era perfeito, entretanto o contato para com o rei causava calafrios. Foi quando conheceste o agente brasileiro em Londres: o Marquês de Barcelona, Marechal Felisberto Caldeira Brant. No período era fácil obter de homens muito ambiciosos informações e prestígios brasileiros, afinal de contas o Brasil era plena insignificância, embora a importância dos acontecimentos eclodia por toda Europa. Contudo Napoleão assolava o mundo. Assim o maior triunfo seria o que o Marquês proporcionaria: acesso a Divisão Auxiliadora no Rio de Janeiro, ascensão na Divisão Pacificadora de Luís Alves de Lima e Silva, entrada nos Paisanos Armados e acréscimo a Guarda Real de Polícia. Condecorado com todas essas cartas do império tivera como conceber um ingresso irrestrito para Cochrane e Grenfell. Isso levantara suspeita e fora assim chegado o momento de provação,

falar com a própria majestade no salão real do Palácio de Buckingham.

Fala o Rei Guilherme IV:

- Who are you in my kingdom?
- I am just humble servant of your majesty. (disfarçando o tremor na voz)
- Then you begin your order here.
- As you wish your Highness.
- Kill Irishman Hanlon.
- As you command.
- My servant Cochrane told me your loyalty. He would trust my command for you after my realm know your patriot in Brazil´s battle.
- I appreciate my Highness.
- So, you couldn´t disappoint me.
- I prefer die, my Lord.
- I agree. You have my permission to die if you fail.
- I wouldn´t disappoint your Highness.
- Have you faith my child?
- Yes your highness. I always have faith to myself and God.
- God helps who helps himself. God bless you, son!
- Thankful my Lord.

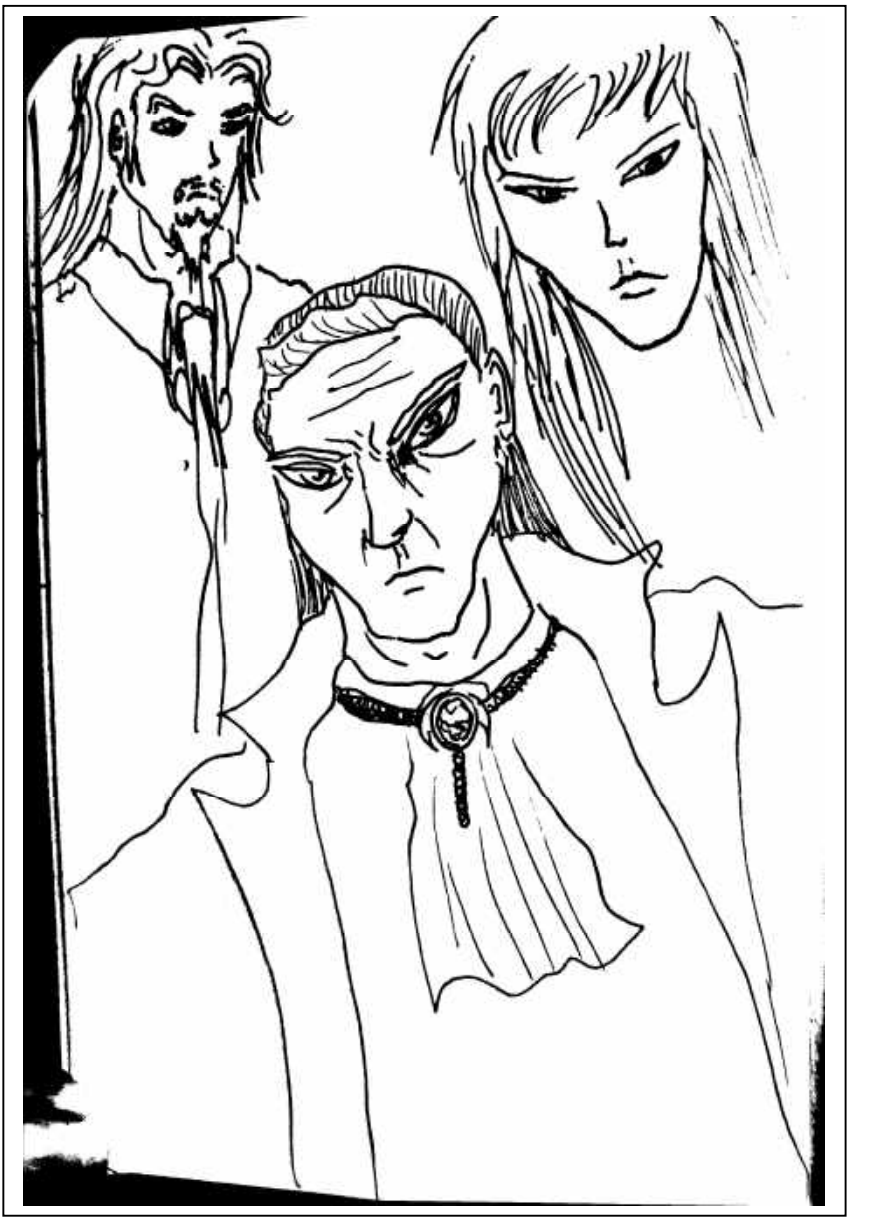
A sessão solene com o rei fora a maior parte do anseio. Como poderia espreitar o próprio soberano de Buckingham. Quando me perguntou sobre quem era eu no seu próprio reino. Se não fosses, eu, seu humilde vassalo como me cairia a resolução dos mercenários. Meu novo comando e ordem depois desse pouco período de dois anos após a independência do Brasil eram apenas matar um Irlandês. Nunca poderia desapontar vossa majestade e por uma questão de fé o rei Guilherme IV disse uma magnífica verdade: “Deus ajuda quem ajuda a si mesmo”. E abençoou minha nubente jornada. Fiquei muito grato ao meu senhor. Quanto tempo seria necessário para fazer a missão perfeitamente.

Em 1824 saíra de Londres sorrateiramente antes indo para Portugal e após um ano aproximadamente para França aonde Carlos X já governava. Naquele dia oito de janeiro em 1825 fazia muito frio, porém depois da queda de Bonaparte os Bourbons reinstalaram-se no trono e assim uma nova monarquia cobrara novos acertos antes de eu retornar para o Brasil. Saíra às pressas da França com toda a preocupação napoleônica opressora na Europa. Embora Napoleão ficasse impopular por causa do bloqueio continental, o recrutamento e os impostos. A luta ininterrupta de Napoleão contra Inglaterra e outros países levaram-no ao seu próprio abismo. Mesmo assim era certo que assumiria em breve Napoleão II, príncipe François Charles Joseph Bonaparte, dito num porvindouro como segundo imperador, seria conhecido como o Rei de Roma e Duque Reichstadt.

O contato com o agente brasileiro Marquês de Barcelona havia conferido poderes incalculáveis para minha comissão

diplomática. Poderia conjurar magia com o conhecimento obtido. O mais fabuloso Quimera para mim eram os Paisanos Armados: sairiam como pessoas comuns que pegavam em armas para lutar contra um regimento. Incentivaria muitas pessoas a lutarem pela causa qual aparecesse. Mas isso seria uma outra estória.

A casa dos Bourbons era acolhedora para mim. Quando chegara na França fora recebido com todas honrarias merecidas, mas realmente naquela altura não soubera mais para qual pátria servia. Estava na Inglaterra, França, Portugal e Brasil. Todos tinham diferentes objetivos e precisara eu cumprir todas as designações. Estavam me aguardando homens importantes: Pedro Labatut, o qual não via algum tempo; Jacques Lafite, Louís Adolphe Thiers, Jean Delacroix e o próprio rei Carlos X. Todos aguardavam as mais produtivas conversas, estórias e mais estórias sendo contadas pelas cortes e a realidade era outra. Vinhos, comidas e euforias sendo servidos por toda a ostentação da riqueza. O castelo de Versalhes já não era o mesmo.



Durante os meses tentava dissuadir as novas objeções das cabeças ambiciosas francesas. Inutilmente claro. Não obstante, eram abstrusos os grupos políticos que tomavam força por volta daquela época, eram estes: bonapartistas, orleanistas e legitimistas. Tomara um bom café por aquelas épocas observando os costumes parisienses. Então aproximadamente no final de 1826 Labatut e Thiers chamam-me para finalmente começar a empreitada brasileira. Ao chegar no castelo do Louvre deparo-me com Labatut treinando sua esgrima com demais nobres pelos jardins. Parecia mais um espetáculo do que um treinamento. E destarte dar-se:

- Bonne Journée Davi Dsaint.
- Bonne Journée Louís AdolpheThiers.
- Sans formalités s´vil vour plaît.
- J´aime juste être sympa avec ceux qui le sont.
- Quel est cel! N´hésitez pas à la maison avec un ami.
- Comme vous voulez. (timidamente)
- Nous avons un plan pour vous de tuer les irlandais et notre objectif.
- Vraiment? À propos ici est votre cible?
- Deux allemand. L´un est appelé Phral. Lieutenant. Un autre est un homme important August Von Steinhousen.
- Je vois que ce sera difficile.
- Non, non, non. Le plan est simple et vous aidera.

Neste ínterim Labatut vem andando com o florete na mão e desafia-me.

- Dsaint!
- Qu´est ce que vous Labatut?
- Um combat, bien sûr.
- Seulement combattre dans la guerre.
- C´est une honte. J´aimerais apprendre de vous.
- Jamais votre chance.
- Cela est vrai. Mais il se battait sur le côté de la Colombie.
- Passons aux choses sérieuses.
- Davi a raison. En 1827, nous allons sortir avec six cents mercenaires français ici.
- Je me rends compte que c´est un grand nombre d´hommes.
- C´est tout. Vous serez chargé de faire des mercenaires britanniques.
- Comment puis-je faire cela? Le roi imaginez maintenant que pour de le Brésil.
- Vous Obitiendrez.

A reunião com Thiers fora mais especifica. Apesar da cordialidade inicial foi bem objetivo e definiu os alvos. Dois alemães um era Phral, tenente oficial do terceiro batalhão de granadeiros e o outro um importante homem chamado August Von Steinhousen. Saberia que o segundo homem seria difícil, porém o plano era simples realmente. Fazer ou participar num tipo de revolução que seria pouco conhecida e assim expulsar os demais estrangeiros, principalmente os alemães. Mais tarde saberia que o irlandês alvo da Inglaterra seria a preocupação estrangeira deles. Sempre as

mesmas coisas, poder, controle e riquezas. Apesar da simplicidade do estratagema deveria voltar para Inglaterra e conseguir mercenários ingleses para não se passar a França como interesse maior pelo Brasil.



Naquele ano bebi muito chá. Havia apenas alguns meses para reunir o grupo de mercenários ingleses. Durante o ano este planejamento se debruçava sobre um conflito do primeiro reinado de Dom Pedro I. Seria nada menos que a guerra contra as Províncias Unidas do Rio Prata que começara em 1825, qual resultou a independência da República Oriental do Uruguai em 1828, ano este em que ocorreria a Revolução dos Mercenários. As guerras das Províncias Unidas fora um bom álibi para entrada de muitos estrangeiros no Brasil. Fora perfeito! Certamente encontraríamos os alvos de ambos, Inglaterra e França, entre todos aqueles perdidos por ali. Então assim eclodiu a Revolução dos Mercenários.

O motim começou em nove de junho de 1828 e durou apenas três dias. Neste período a população da Corte no Rio de Janeiro viveu sobressaltada pela sublevação de três batalhões do Corpo de Estrangeiros, que serviam ao Império do Brasil desde a independência. Na verdade entre Alemãs e Irlandeses que serviam ao império desde a independência irritaram-se por falta de pagamento. Certamente que mercenários querem riquezas e fazer fortuna. A origem foi o boato de que dois Alemães haviam sido mortos por soldados de um batalhão brasileiro. Mormente as reais mortes foram do Irlandês Hanlon e do oficial tenente do terceiro batalhão de granadeiros Phral. Entretanto August Von Steinhousen fugiu e tornara-se líder da revolução. Realmente o inferno instalara-se naquela região e assim precisaria utilizar-me das artimanhas premeditadas anos atrás, foram quatrocentos ingleses e seiscentos franceses para guardar o Palácio de São Cristóvão e o Arsenal de Guerra.

Muitas mortes e muitos feridos foram às conseqüências daquela batalha. Como não dera certo o artifício com a Guarda Real de Polícia para executar dois alemães e um irlandês o segundo plano teve que ser acionado. Então a relação com o General Barroso Pereira foi estreitada para os Paisanos Armados entrarem em ação. Homens comuns que pegavam em armas num ideal de proteger seu país, seu império, lutando contra estrangeiros, porém com estrangeiros dos seus lados. Até frades e padres foram para essa luta utópica. Paradoxalmente a fúria tomava conta, aquelas pessoas nunca deveriam estar na Revolução dos Mercenários. August Von Steinhousen foi sentenciado a morte. De uma forma ou de outra a estratagema atingiu o alvo. Nada obstante algo ocorreu de maneira muito enigmática.

Ficara alguns anos no Brasil para ver a sentença de August Von Steinhousen, todavia ele conseguiu fugir da morte e da ilha das cobras. Estivera no Rio de Janeiro por todos os períodos pertinentes a este alemão. A Inglaterra soubera do sucesso no mesmo ano de 1828, porém a França não tivera a mesma resposta e essa proeza germânica nunca seria esquecida. Em 1832 a morte de Napoleão II aos vinte e um anos de idade fora um período estranho. Após uma rápida passagem por Londres conheceria a Rainha Vitória e rapidamente estaria na França. Paris estava maravilhosa, mas foram anos complicados. Em 1830 começaram as revoluções na França e duraram. Aqueles fantasmas me seguiam. Phral estava morto, mas August ninguém nunca mais tivera notícia.



Em 1836 a derrota na Guerra Franco-Prussiana e o aprisionamento do imperador Napoleão III em Sedan pelas tropas de Bismarck fizera a França entrar num período inovador, Thiers é eleito presidente do novo governo provisório de Defesa Nacional. Então o fantasma de August Von Steinhousen ressurgiu. Fora através de informações com fontes confiáveis do Brasil que August conseguira uma nova vida e outra identidade conhecida como um Holandês, Duque Marshan de Holanda. Adquirira títulos e também era conhecido por Marco Sören Bragança, mas naquelas cartas do império estavam confirmando serem pessoas diferentes. Era difícil de analisar. Soubera a técnica dos disfarces para sobreviver refugiado por tantos anos. Todavia uma falha que o denunciou. Ao ler outras cartas do império descobrira que estava nas Minas Gerais e assumira um cargo rentável demais para um homem sem servir uma pátria veementemente. Nem Portugal, Inglaterra ou mesmo França e demais países tinham acesso como gostariam no Brasil e o último contratador de diamantes ficara muito famoso por sua estória com uma escrava alforriada anos passados.

Desta vez Thiers obrigava-me a concluir o que já tinha passado tantos anos. Não seria melhor deixar aquele homem viver? Fora mérito dele. O que poderia fazer este indivíduo num país tão grandioso. Inúmeras coisas para fazer e não poderia delegar aquela função para ninguém mais. Já que minha missão houvera fracassado parcialmente, e no fundo, sentira remorso ainda pelos homens, padres, frades, crianças e mulheres que morreram naquela conflagração de apenas três dias. Sendo dessa forma aprontara-me para partir, Brasil nesse Período Regencial já estava no seu

segundo regente, tal Araújo Lima conhecido como Marquês de Olinda. Fizera meus acertos, apanhei meu material, pois poderia ser uma viagem sem volta. No dia da partida pegara de Thiers meu título como Duque Estrada da França, para assim ser conhecido e relembrado no Brasil. No Porto beijara minha linda e amada meretriz que passei muitas vezes em seus encantos de mulher. Porém não sabia até hoje seu real nome nem o que era amor.



As viagens pelas águas do Atlântico serviam aos meus olhos como nuvens nebulosas. Nada se ocultara por aqueles instantes senão para a estada curta na capital do Rio de Janeiro e logo depois a ida pela Estrada Real para a província. Sem saber o que deveria encontrar pela frente. Sobrevieste-me o planejamento, começara a ser feito e arrojar-se para mais um episódio. Era tão simplificado. Apenas matar um homem. No entanto deveria saber mais sobre seus poderes e influências. O estudo por aquele período me fez muito bem durante a viagem toda. Fora assim às particularidades que me fizesse um homem tão diligente.

Através dos meses de viagem descobrira algo muito curioso. Naquela ocasião estava o Brasil com um peso comercial muito grande e por isso tudo tivera um preço. Soubera que atribuíram valores para títulos de nobreza. Podiam ser comprados os títulos de Duque até Barão. Cada um com valor sobre o dobro do outro de acordo com a importância. Primeiro Duque, depois Marquês, Conde, Visconde e Barão. Nesta ordem do maior para o menor como na Europa, o interessante era que os títulos ganhavam terras, status, escravos e o grau de importância perfeitamente idêntico aos da Europa com apenas uma diferença brutal. Não precisava ser nobre, vir de alguma família, porque qualquer um poderia comprar e não houvera hereditariedade. Um Duque morto não faria da sua mulher uma duquesa. Simplesmente acabava. Era um título de utilidade vitalícia e com uma carga de observação muito pesada. Uma pessoa adquirindo nobreza poderia ter todos seus bens confiscados pela coroa assim que morresse, a família real brasileira obteria muitas abastanças.

O Porto do Rio de Janeiro era uma imagem de clareza do tráfico negreiro. Percebera que a escravidão ainda estava muito enraizada no Brasil. O abolicionismo com certeza seria uma problemática em tempo futuro. O iluminismo não iluminava por aqui. Logo que desembarcara no porto seguira para o Palácio Imperial conversar com o segundo regente Marquês de Olinda. Soubera o regente que estaria eu indo ao seu encontro. Pelos sussurros do palácio entendera das revoltas e conflitos do império. Eram tantos nomes: Cabanagem, Sabinada, Balaiada, entretanto nenhum desses conflitos estava no meu caminho. Aliás, um plano ocorrera na minha cabeça. Acabara por saber de informantes atentos as coroas que o Brasil continuava com os contratos para empreitada de ouro e diamantes por períodos de quatro anos e assim serem renovados ou passados os contratos adiante. Lembrara que o Marechal Felisberto Caldeira Brant fizera fortuna como contratador. Sua família, casa Caldeira, fora muito importante e transformou aquelas bandas, Vila Real e Arraial do Tijuco.

O mercantilismo era um aliado. Com um pouco mais de quinhentos dobrões espanhóis comprara alguns títulos que deixara em aberto até querer nomear alguém ao meu bom grado. Comprara os títulos de: Marquês, Conde, Visconde e dois de Barão. Por causa do tamanho da dificuldade que obtivera naquela circunstância precisaria saber muito bem com quem ou o que estaria lidando. Bem como adivinhara os que mais compravam títulos eram os estrangeiros recém chegados, sendo estes: desconhecidos, ricos, foragidos ou de qualquer espécie, bastava à simpatia da Corte.

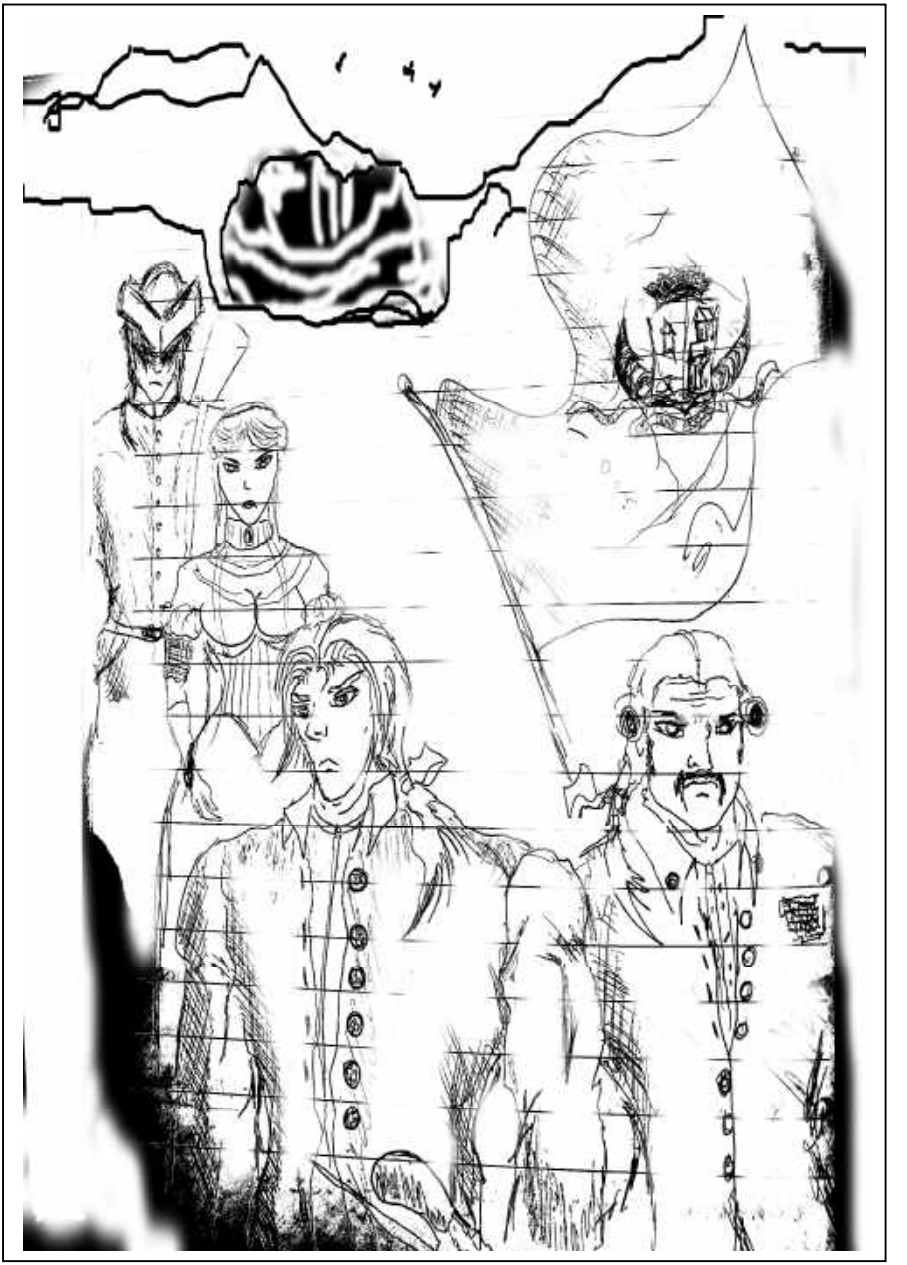
Fortuna para o país. Deste modo que August Von Steinhousen tornara-se Duque Marshan de Holanda. Entretanto o outro nome Marcos Sören Bragança confundia as minhas perspectivas. Como se passara por dois homens ao mesmo tempo. Afinal de contas muitos anos haviam se passado.

Sendo Duque Estrada da França teria mais do que prestígio e poder. A influência era uma delas. Fora assim conversar com o regente num modo de adquirir maior soberania e ver o que poderia ser feito. O pretexto era bucólico por se tratar de exploração de ouro e diamantes na região provincial de Vila Real. O foco era a província de Ouro Vermelho que estaria improdutiva, porém soubera do ainda possível contrato em vigor. Com retórica digna de fraude Araújo Lima não poderia evitar-me e conceberia opções as quais já guardava consigo desde o contato com a França. Por isso um bandeirante chamado Miguel Garcia oriundo daquelas terras descobrira um ouro que tinha coloração esbranquiçada e seria denominado ouro branco.

Nesta tramóia os senhores importantes daquela província com certeza estariam envolvidos. Fiasco da ambição destes homens. Pudera, portanto, continuar com as artimanhas sem menor complicação. Quando então propusera um Protetorado. Referia-me a um território autônomo que é protegido diplomaticamente ou militarmente, como preferisse, contra terceiros ou um estado ou entidades mais fortes. Em troca o Protetorado aceita geralmente obrigações específicas dependendo da verdadeira natureza do relacionamento. No entanto mantém soberania formal e continua a

ser estado sob lei internacional, conhecido também como Estado Protegido. O artifício mais se aproximava quando um tal José Bonifácio poderia se apoderar do mandato sob regência e ser o terceiro em comando antes do príncipe estar pronto, mas o golpe da maioridade para o segundo reinado já estava por proporcionar êxito. O Marquês de Olinda era bem fácil de lidar, por isso não se queixara ou mostrara quaisquer resistências.

Estava feito e o Protetorado seria instaurado com o advento naquelas terras, todavia precisamente a mineração de ouro branco agradaria o império, de repente alguns diamantes poderiam agraciar mais o tratado, porém ainda estava nebulosa a identidade de August. Assim propusera ao Marquês um planejamento, iria antes, já que aproximadamente levavam três dias, e os dragões (soldados do Império) chegariam em dez dias. Mormente precisara sopesar a província. Reticente o Marquês teria receio em deixar-me ir desamparado. Mal sabia que olhara um homicida e ser solitário por ocasião pertencente à minha biografia. Desde o começo da jornada nunca imaginara aquela mulher. Cândida Silvestre; meu apego.



Então retomando o momento com minha amada, cavalgava e falara o que deveria ser dito e escutado por ela. Porém seria a primeira vez que temeria perder alguém. Nem por minha mãe tive amor como aquele. Respirava pelo peito em cada batida do coração. Saboreava o cheiro dos seus cabelos no meu rosto. Qualquer coisa que disseste riria pelo maior fino trato daquela flor. Jamais emergiu um romantismo tão arcaico. Era eu homem do antigo mundo, do outro continente. Mas não queria me afastar de Cândida. Um controle de planejamento tão absoluto, uma artimanha tão bem implantada. Tudo estava em risco.

Ouro Vermelho ficara as margens da Estrada Real e entorno desta região passavam muitos viajantes e aventureiros. Os soldados eram incumbidos de cobrar os impostos para a coroa. Estes pedágios iriam para a Província de Ouro Vermelho que por sua vez repassava para Vila Real através do contrato de exploração de ouro e diamante. Estes fundos eram importantes já que a Estrada Real era o principal caminho da trajetória das riquezas para o Rio de Janeiro. O Protetorado transformaria inteiramente a comarca.

O galope não poderia ser mais vagaroso, pois senão o cavalo cansaria e iria deitar-se pelo peso do nosso amor. Mesmo assim não poderia esquecer das minhas perspectivas e deveria perguntar:

- Tu conheceste tal bandeirante Miguel Garcia?
- Sim! Moras em Ouro Vermelho por alguns meses ou talvez um ano.
- Podes me apontar tal homem na cidade?

- Poderia até apresentá-lo.
- Não quisera a gentileza, preferiria o sutil apontamento.
- Por que este mistério?
- Prefiro não lhe contar para manter-te protegida.
- Pois sim, como desejais. (responde Cândida desconfiada)
- Não ficais temerosas. Saibas brevemente de minha longa estada por aqui e junto de ti alongaremos nossa ternura pela eternidade. (Davi apaixonado)
- Tu me desejas mais do que tudo?
- E tu tens dúvidas? O que precisareis fazer para felicitar-lhe?
- Nada! Apenas abrace-me. Beije-me. Possua-me. (rebola em sua frente)

Numa observação curta Davi percebera estar próximo de Ouro Vermelho, avista já alguns soldados do império em nome da província fazendo ronda por aquelas bandas. A trilha é continuada pelo trote do cavalo e ao aproximarem-se dos dragões do império um breve receio encontra o pensamento de ambos.

- Tu deves satisfação aos soldados ou algum nobre?
- Não, mas... (Cândida prende as palavras)
- Por que tu foras perseguida? (Davi desconfia de por maiores detalhes)
- Meu pai é um homem invejado. Por ser ferreiro e fabricar armas também faz as barras de ouro para o Duque. Mas depois quando descobrira a não ida das

barras para o império e sim para interesse do Duque e outros fidalgos meu pai não cedera mais, por isso é constantemente ameaçado, entretanto tentam agora atingir meu pai através de mim. Nunca revelei para ele estas perseguições, contudo (chora sutilmente) se não fosses teu heroísmo seria deflorada e envergonharia meu pai e minha família.

- Acalmastes meu amor. (Davi abraça fortemente Cândida)
- Tenho medo por tu agora. (Cândida vira-se e olha com lágrimas)
- Acalma-te porque estareis aqui para mudar tuas aflições e agruras. Darei-te paz por todo o véu que não corromperá mais esta província. (beija-a longamente)

Davi e Cândida aproximam-se dos dragões na trilha até o caminho da entrada de Ouro Vermelho. Os soldados olham sobressaltados ao redor, todavia logo se acalmam por ver que havia um forasteiro com uma donzela da cidade, bem como imaginam ser algum conhecido ou alguém da família de Cândida. Não pudera imaginar Davi uma entrada na cidade tão triunfal e acima de qualquer suspeita. Contudo depois de trespassar os dois soldados que atacaram Cândida refletiu que poderiam averiguar o não regresso dos dragões que perseguiram-na e deduzir o salvamento de Cândida por Davi causando mais um meio de conhecimento. Então próximos da abordagem combinam uma breve estória caso fossem indagados.